

Cuba, a União Europeia e os direitos humanos

By [Salim Lamrani](#)

Global Research, March 09, 2014

[Opera Mundi](#)

Cuba acaba de aceitar a proposta de diálogo da União Europeia. Mas, para normalizar as relações, Bruxelas terá de acabar com a Posição Comum - obsoleta e contraproducente - vigente desde 1996

No dia 10 de fevereiro de 2014, a União Europeia aprovou por unanimidade de seus 28 membros a abertura de um diálogo com o governo cubano para superar a disputa que os separa há quase 20 anos. No dia 6 de março de 2014, Cuba aceitou a proposta de diálogo.

Em 1996, sob a égide do antigo primeiro-ministro espanhol, José María Aznar, a União Europeia decidiu se alinhar com a política exterior de Washington em relação a Havana e renunciar à sua postura soberana e independente. O acordo era simples: os Estados Unidos, que tinham acabado de adotar a lei Helms-Burton, reforçavam o estado de sítio econômico imposto a Cuba desde 1960 e sancionavam as multinacionais estrangeiras que investissem na ilha, aceitando preservar os interesses europeus. Mas, em troca, Bruxelas deveria se alinhar à sua política exterior e impor sanções a Cuba.

Efe



Chanceler cubano anuncia, durante coletiva de imprensa, que o país aceitou a proposta da UE de diálogo político

Desde essa data, a União Europeia impõe uma “posição comum”, que se transformou no pilar da política exterior de Bruxelas em relação a Havana. Limita os intercâmbios políticos, diplomáticos e culturais, e constitui o principal obstáculo à normalização das relações entre as duas partes. A razão é a mesma que Washington usa para justificar sua hostilidade em relação a Cuba: a situação dos direitos humanos.

Cinco aspectos fundamentais definem a política europeia em relação a Havana: seu caráter unilateral, seu alcance discriminatório, sua lógica contraditória, seu fundamento ilegítimo e sua ineficácia comprovada.

As sanções políticas que a União Europeia impõe são unilaterais e arbitrárias. Cuba jamais atentou contra os interesses fundamentais de Bruxelas e nunca se mostrou hostil. Pelo contrário, o governo de Havana sempre desejou estabelecer relações normais com as nações europeias, baseadas no respeito mútuo, na reciprocidade e na não ingerência nos assuntos internos.

Wikicommons



Cidade de Havana, Cuba. Desde 1996 é o único país do continente a receber sanções

políticas da União Europeia

A posição comum também é discriminatória e contraditória. O único país do continente americano que sofre semelhante sanção é a ilha de Cuba. Bruxelas não estigmatiza nenhuma outra nação, do Canadá à Argentina, por questões de direitos humanos. Agora veja, segundo o último relatório da Anistia Internacional, de 2013, Cuba está longe de ser o pior aluno na problemática dos direitos humanos. Em vez disso, um estudo minucioso do tema revela que, segundo a organização, a situação dos direitos humanos em Cuba é uma das menos desfavoráveis do continente americano. Inclusive, é difícil encontrar uma nação americana, do Canadá à Argentina, com um saldo [melhor que a ilha](#) de Cuba.

As sanções europeias também são ilegítimas. Se Bruxelas tem a ambição de se proclamar um juiz moralizador, deve ser irrepreensível na questão dos direitos humanos. Agora veja, o relatório de 2013 da Anistia Internacional é avassalador para a União Europeia e afeta particularmente sua credibilidade e autoridade em dar lições a Havana. A maioria das nações da Europa dos 27 apresenta uma situação de direitos humanos muito mais desastrosa que a de Cuba.

A título de exemplo, no que tange a Espanha, a Anistia Internacional denuncia atos de “tortura e maus tratos”, cometidos pelas forças da ordem, assim como a impunidade gozada pelos policiais responsáveis por homicídios. A organização denuncia o racismo institucionalizado contra minorias por parte das autoridades, assim como a violência contra as mulheres espanholas que custou a vida de 46 delas em 2012. Sobre a França, a Anistia denuncia também a impunidade das forças da ordem responsáveis por assassinatos, assim como atos de tortura por parte da polícia. Nunca foram reportados acontecimentos semelhantes em Cuba.

Efe



No dia 27 de fevereiro, o secretário norte-americano John Kerry denunciou a repressão de disidentes em Cuba

Finalmente, ao se alinhar com a política externa dos Estados Unidos contra Cuba, a União Europeia encontra-se isolada no cenário internacional e, particularmente, na América Latina, que rejeita toda sanção arbitrária contra Havana. Cuba está plenamente integrada no âmbito continental e os 33 países da Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (CELAC), que inclusive elegeu como seu presidente Raúl Castro, expressaram seu apoio político e diplomático a Cuba. Em janeiro de 2014, 31 dos 33 chefes de Estado do continente latino-americano e caribenho viajaram a Cuba para participar da cúpula da CELAC e reafirmaram sua rejeição não apenas ao estado de sítio anacrônico e cruel que os Estados Unidos impõe aos cubanos, mas também à política da União Europeia.

A União Europeia é uma potência econômica inegável, ainda que se encontre passando por uma grave crise sistêmica. Não obstante, enquanto não adote uma política racional e independente — longe da sombra tutelar dos Estados Unidos — que responda a seus próprios interesses, seguirá sendo uma anã diplomática sem influência no cenário internacional.

Salim Lamrani

Salim Lamrani é doutor em Estudos Ibéricos e Latino-americanos, professor-titular da

Universidade de la Reunión e jornalista, especialista nas relações entre Cuba e Estados Unidos. Seu último livro se chama [Cuba. Les médias face au défi de l'impartialité](#), Paris, Editions Estrella, 2013, com prólogo de Eduardo Galeano.

The original source of this article is [Opera Mundi](#)
Copyright © [Salim Lamrani](#), [Opera Mundi](#), 2014

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Salim Lamrani](#)

About the author:

Docteur ès Etudes Ibériques et Latino-américaines de l'Université Paris IV-Sorbonne, Salim Lamrani est Maître de conférences à l'Université de La Réunion, et journaliste, spécialiste des relations entre Cuba et les Etats-Unis. Son nouvel ouvrage s'intitule Fidel Castro, héros des déshérités, Paris, Editions Estrella, 2016. Préface d'Ignacio Ramonet. Contact : lamranisalim@yahoo.fr ; Salim.Lamrani@univ-reunion.fr Page Facebook : <https://www.facebook.com/SalimLamraniOfficiel>

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca